IDENTIFICAÇÃO PRECOCE DE ALTAS HABILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AMANDA FORDIANI MARASSI

Resumo
Este artigo discute a importância da identificação precoce das altas habilidades/superdotação (AH/SD) na educação infantil, abordando os principais desafios e possibilidades que permeiam esse processo. Inicialmente, apresenta-se a conceituação das AH/SD à luz da legislação brasileira e de autores renomados, destacando as características específicas das crianças nessa faixa etária. Em seguida, são explorados os fundamentos e critérios para a identificação precoce, enfatizando a relevância da observação pedagógica e da avaliação multidisciplinar. A análise dos desafios evidencia lacunas na formação docente, estereótipos culturais e a insuficiência de instrumentos adequados, que dificultam o reconhecimento efetivo das crianças com AH/SD. Por fim, são discutidas possibilidades e boas práticas pedagógicas, tais como a formação continuada, o currículo flexível, a articulação com as famílias e o Atendimento Educacional Especializado. O estudo conclui que o investimento na identificação e atendimento precoces é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças e para a promoção da equidade educacional, recomendando a ampliação de políticas públicas e pesquisas na área.
Palavras-chave
Altas habilidades; Superdotação; Educação infantil; Identificação precoce; Atendimento educacional especializado; Inclusão escolar.

1. Introdução

A compreensão da infância como etapa fundamental do desenvolvimento humano é uma conquista relativamente recente no campo das ciências da educação. Nesse contexto, o reconhecimento de crianças com altas habilidades/superdotação (AH/SD) ainda encontra obstáculos significativos, sobretudo na educação infantil. Tradicionalmente vinculada à ideia de cuidados básicos e socialização, essa etapa da educação tende a negligenciar manifestações precoces de talentos e potenciais excepcionais, invisibilizando crianças que, desde muito pequenas, já demonstram traços de habilidades cognitivas, criativas, socioemocionais ou psicomotoras significativamente acima da média.

A identificação precoce de AH/SD é uma das estratégias mais eficazes para garantir o pleno desenvolvimento dessas crianças, promovendo a equidade no acesso a oportunidades educativas e prevenindo quadros de desmotivação, evasão simbólica ou sofrimento emocional decorrente da inadequação entre o ritmo da criança e as propostas pedagógicas. Conforme destacam Virgolim (2007) e Renzulli (2004), o reconhecimento de sinais de superdotação desde a infância permite intervenções pedagógicas mais ajustadas, favorecendo a expressão do potencial e a construção de uma autoimagem positiva.

No entanto, a realidade educacional brasileira ainda carece de mecanismos efetivos para essa identificação, especialmente na educação infantil. Alencar e Fleith (2001) apontam a insuficiência da formação docente para lidar com as especificidades das altas habilidades, o que se agrava quando se considera a escassez de políticas públicas voltadas ao público superdotado nessa etapa educacional. Além disso, a predominância de estereótipos – que associam superdotação apenas ao alto rendimento acadêmico ou à precocidade verbal – compromete a capacidade da escola em reconhecer múltiplas formas de expressão do potencial humano, conforme defendido por Gardner (1995) em sua teoria das inteligências múltiplas.

A justificativa deste artigo reside, portanto, na urgência de refletir sobre os desafios e as possibilidades da identificação precoce de AH/SD na educação infantil, à luz de concepções contemporâneas de desenvolvimento e aprendizagem. O debate torna-se ainda mais necessário diante da diversidade presente nas escolas brasileiras e da necessidade de políticas inclusivas que contemplem também os sujeitos com altas habilidades – grupo historicamente negligenciado no campo da educação especial.

Assim, o presente artigo tem como obje-

tivo principal discutir as barreiras e oportunidades que cercam o processo de identificação precoce de crianças com altas habilidades na educação infantil, com base em referenciais teóricos de autores como Renzulli (2004), Gardner (1995), Alencar e Fleith (2001), Virgolim (2007) e documentos normativos nacionais (como a LDB – Lei n.º 9.394/1996, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC). Também busca-se refletir sobre práticas pedagógicas e institucionais que favoreçam o reconhecimento e o atendimento das potencialidades infantis, contribuindo para uma educação mais equitativa, sensível e responsiva às singularidades do desenvolvimento infantil.

2. Conceituando Altas Habilidades na Infância

A concepção de altas habilidades/superdotação (AH/SD) vem se transformando ao longo das últimas décadas, superando visões reducionistas baseadas exclusivamente no alto quociente de inteligência (QI) e avançando para abordagens mais amplas, que consideram aspectos cognitivos, criativos, motivacionais e socioemocionais. No Brasil, a legislação educacional reconhece esse grupo como público da educação especial, com direito ao atendimento educacional especializado (AEE).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), são considerados educandos com necessidades educacionais especiais "aqueles que apresentam altas habilidades ou superdotação, [...] necessitando de serviços e recursos específicos" (BRASIL, 1996). A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, publicada pelo Ministério da Educação (MEC), amplia essa definição ao afirmar que crianças com AH/SD demonstram "notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotora e artes" (BRASIL, 2008, p. 15).

Essa compreensão dialoga com teorias contemporâneas do campo. Um dos modelos mais amplamente utilizados para identificar e compreender as altas habilidades é o de Joseph Renzulli (2004), que propõe a chamada concepção dos três anéis. Para ele, a superdotação resulta da interação entre habilidade acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa. Essa visão rompe com o paradigma do QI como único critério e destaca o papel da motivação e da capacidade de produzir algo original e significativo.

Complementando esse olhar, Howard Gardner (1995) propõe a Teoria das Inteligências Múltiplas, que defende a existência de diferentes tipos de inteligência, como a linguística, lógico-matemática, musical, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista. Segundo essa perspectiva, uma criança pode apresentar potencialidades específicas em qualquer uma dessas áreas, e não apenas em contextos acadêmicos tradicionais.

No contexto brasileiro, as pesquisadoras Alencar e Fleith (2001) destacam que a superdotação pode se manifestar de diferentes formas na infância, sendo essencial considerar não apenas o desempenho formal, mas também atitudes como curiosidade intensa, pensamento criativo, sensibilidade estética e empatia. Para Virgolim (2007), muitas vezes essas características passam despercebidas pelos educadores, seja pela falta de formação, seja pela predominância de estereótipos sobre o que é ser "inteligente".

As características mais comuns de crianças com altas habilidades na infância, conforme estudos nacionais e internacionais, incluem: aprendizado rápido; vocabulário avançado para a idade; pensamento divergente; facilidade em resolver problemas; imaginação fértil; sensibilidade emocional elevada; foco intenso em áreas de interesse; e tendência à busca de desafios. No entanto, essas manifestações variam de criança para criança e são influenciadas por fatores culturais, sociais e familiares, reforçando a necessidade de uma observação pedagógica atenta e contextualizada (ALENCAR; FLEITH, 2001; VIRGOLIM, 2007).

Portanto, conceituar altas habilidades na infância exige ir além de indicadores padronizados, valorizando as múltiplas formas de expressão do potencial humano e reconhecendo a infância como tempo legítimo de expressão de competências complexas.

3. A Identificação Precoce: Fundamentos

e Critérios

A identificação precoce de crianças com altas habilidades/superdotação (AH/SD) é uma etapa essencial para o planejamento de ações pedagógicas que respeitem o ritmo, os interesses e o potencial desses sujeitos. Segundo Virgolim (2007), quanto mais cedo as manifestações de potencial são reconhecidas, maiores são as possibilidades de intervenção educativa significativa, favorecendo o desenvolvimento integral da criança e prevenindo quadros de desmotivação, frustração ou comportamentos desafiadores decorrentes do não reconhecimento de suas necessidades específicas.

Na educação infantil, essa identificação torna-se ainda mais relevante, pois é nesse período que se formam as estruturas cognitivas, afetivas e sociais que sustentarão o percurso educacional. Contudo, como destaca Alencar (2001), o reconhecimento das altas habilidades na infância exige sensibilidade pedagógica, já que muitas dessas manifestações podem ocorrer de forma sutil, fora dos padrões escolares tradicionais. Crianças pequenas com AH/SD nem sempre apresentam desempenho acadêmico precoce, mas sim traços de originalidade, empatia, interesse intenso por determinados temas e capacidade de resolver problemas de maneira criativa.

Entre os sinais indicativos mais comuns de altas habilidades na infância, destacam-se: linguagem verbal avançada para a idade; vocabulário rico e uso precoce de estruturas complexas; memória excepcional; curiosidade intensa; pensamento abstrato precoce; imaginação fértil; sensibilidade emocional exacerbada; senso de justiça aguçado; liderança em brincadeiras; e preferência por interações com crianças mais velhas ou adultos (ALENCAR; FLEITH, 2001; PÉREZ, 2014).

A identificação, no entanto, deve ser compreendida como um processo contínuo e contextualizado, que envolve múltiplas fontes de informação. Entre os principais instrumentos e métodos utilizados, destacam-se:

- Observação pedagógica sistemática, que permite ao professor identificar comportamentos e desempenhos recorrentes no cotidiano escolar (VIRGOLIM, 2007);
- Portfólios de aprendizagem, que reúnem produções espontâneas da criança e ajudam a visualizar padrões de originalidade ou profundidade de pensamento;
- Checklists e escalas de características, como os propostos por Renzulli (2004), adaptados para a faixa etária da educação infantil;
- Entrevistas e questionários com familiares, que são fontes essenciais para conhecer os comportamentos da criança em outros contextos, como casa e comunidade (PÉREZ, 2014).

Além dessas estratégias, destaca-se a importância da avaliação multidisciplinar. Conforme preconizado pela Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 2008), a identificação de AH/SD deve envolver diferentes profissionais – como pedagogos, psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e neurologistas –, que contribuam com diferentes olhares sobre o desenvolvimento da criança. Essa abordagem colaborativa favorece uma compreensão mais ampla e evita diagnósticos precoces baseados apenas em critérios escolares ou testes padronizados.

Portanto, identificar altas habilidades na infância é uma prática que exige escuta sensível, formação docente, planejamento institucional e articulação com diferentes saberes, promovendo um ambiente educativo que favoreça o florescimento dos talentos desde os primeiros anos de vida.

4. Desafios na Identificação Precoce

Apesar do reconhecimento legal das crianças com altas habilidades/superdotação (AH/SD) como público da educação especial, diversos desafios ainda impedem a identificação precoce eficaz na educação infantil. Esses desafios estão relacionados a fatores institucionais, culturais, pedagógicos e de formação docente, além da persistência de estereótipos que limitam a compreensão do fenômeno.

Um dos principais entraves é a falta de formação inicial e continuada dos professores. Muitos educadores da educação infantil não se sentem preparados para reconhecer características de AH/SD, principalmente quando elas se manifestam fora do campo acadêmico. Como afirmam Alencar e Fleith (2001), a ausência de capacitação específica contribui para a invisibilização desses alunos e

para a reprodução de práticas homogêneas que não favorecem a expressão de talentos.
Além disso, há uma visão restrita da superdotação, geralmente associada ao alto rendimento em leitura ou cálculo, o que impede a valorização de habilidades expressas na linguagem simbólica, na sensibilidade interpessoal, na liderança ou na criatividade – áreas muitas vezes desconsideradas nos critérios escolares (GARDNER, 1995; VIRGOLIM, 2007). Esse estereótipo exclui crianças que apresentam potenciais em domínios não tradicionais, como as artes ou o cuidado com os outros, o que compromete o princípio da equidade na educação.
Outro desafio relevante é a falta de instrumentos adaptados à faixa etária da educação infantil. A maioria dos testes formais de identificação de AH/SD é voltada para crianças em idade escolar, desconsiderando as especificidades do desenvolvimento infantil e a importância do brincar como linguagem central da infância (PÉREZ, 2014). A ausência de instrumentos sensíveis à expressividade da criança pequena dificulta o reconhecimento de seu potencial.
A resistência institucional também impacta negativamente o processo de identificação. Em muitos contextos escolares, há uma sobrecarga de demandas burocráticas, número excessivo de crianças por turma e ausência de políticas claras para o atendimento às AH/SD na infância. Segundo Virgolim (2007), é comum que os educadores se sintam desamparados frente à responsabilidade de identificar e atender essas crianças sem apoio institucional e sem uma rede intersetorial de suporte.
Ademais, observa-se uma desarticulação entre escola e família, o que dificulta o compartilhamento de informações fundamentais para o processo identificatório. Como aponta Renzulli (2004), a colaboração com os pais é essencial, especialmente porque muitos sinais de superdotação surgem em casa antes de serem notados na escola. No entanto, famílias também podem não reconhecer esses sinais ou, ao contrário, supervalorizá-los, criando expectativas desproporcionais.
Diante desse cenário, torna-se urgente investir em formação docente, políticas públicas específicas, produção de materiais pedagógicos adequados à infância e valorização de uma cultura educacional que reconheça e celebre a diversidade de talentos desde os primeiros anos de vida.

5. Possibilidades e Boas Práticas na Identificação e Atendimento das Altas Habilidades na Educação Infantil

A identificação precoce e o atendimento qualificado às crianças com altas habilidades/superdotação (AH/SD) na educação infantil representam desafios complexos, mas também oferecem oportunidades significativas para a promoção do desenvolvimento pleno dessas crianças. Para que tais possibilidades sejam concretizadas, é fundamental adotar estratégias pedagógicas e institucionais que reconheçam e valorizem a diversidade dos talentos e potencialidades.

Formação continuada e sensibilização docente

Um dos elementos cruciais para a melhoria da identificação e do atendimento é a formação continuada dos profissionais da educação infantil. A maioria dos educadores relata falta de preparo específico para trabalhar com crianças AH/SD, o que reduz a capacidade de perceber sinais que fogem ao padrão convencional de aprendizagem (ALENCAR; FLEITH, 2001). Assim, programas de capacitação devem contemplar tanto o conhecimento teórico – como as diferentes definições e modelos explicativos (ex.: Teoria dos Três Anéis de Renzulli, 2004; Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner, 1995) – quanto o desenvolvimento de habilidades práticas para a observação e o planejamento de intervenções pedagógicas diferenciadas.
Além disso, a sensibilização para os preconceitos e estereótipos é essencial. Muitas vezes, crianças AH/SD são rotuladas como “problemáticas”, “introvertidas” ou “dispersas” por apresentarem comportamentos que não se encaixam no padrão esperado. Uma cultura escolar que valorize a diversidade e entenda as múltiplas formas de expressão da inteligência contribui para a inclusão verdadeira (VIRGOLIM, 2007).

Observação sistemática e documentação pedagógica

A observação sistemática é uma das ferramentas mais eficazes para a identificação precoce. Por meio de registros

detalhados das ações e respostas da criança em diferentes contextos, o professor pode detectar padrões de pensamento crítico, criatividade, curiosidade e liderança que indicam o potencial para altas habilidades (PÉREZ, 2014). O uso de portfólios pedagógicos, que reúnem produções espontâneas, desenhos, relatos e fotos, permite um acompanhamento longitudinal, revelando tendências e progressos que os testes padronizados não captam.

Essa documentação ainda possibilita um diálogo rico com as famílias e demais profissionais envolvidos, favorecendo uma avaliação mais completa e contextualizada do desenvolvimento infantil.

Metodologias ativas e currículo flexível

No que tange à prática pedagógica, a adoção de metodologias ativas e um currículo flexível são fundamentais para atender às demandas das crianças AH/SD. Essas crianças frequentemente necessitam de desafios cognitivos e criativos que ultrapassam o conteúdo programado para sua faixa etária. Projetos interdisciplinares, atividades exploratórias, problematizações reais e espaços para a expressão artística e corporal favorecem o engajamento e o desenvolvimento do potencial (ALENCAR; FLEITH, 2001).

O currículo flexível deve prever possibilidades de aprofundamento em áreas específicas de interesse, além da ampliação dos temas abordados para contemplar múltiplas inteligências (GARDNER, 1995). A diversificação dos recursos didáticos, como jogos, música, literatura e tecnologia, enriquece o ambiente e potencializa a aprendizagem.

Parceria com a família e comunidade

A relação escola-família é um componente indispensável para a identificação e o atendimento eficaz das altas habilidades na infância. As famílias costumam ser as primeiras a observar comportamentos e talentos diferenciados, ainda que não consigam nomeá-los adequadamente. Portanto, o estabelecimento de um canal aberto de comunicação, baseado em respeito e escuta ativa, é crucial (VIRGOLIM, 2007).

Reuniões, oficinas e grupos de apoio para familiares podem fornecer informações sobre o desenvolvimento das AH/SD, além de acolher dúvidas e expectativas. A participação da comunidade, por meio de parcerias com instituições culturais, científicas e esportivas, amplia as oportunidades de experiências enriquecedoras para a criança.

Atendimento Educacional Especializado (AEE) e recursos complementares

No contexto institucional, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) deve estar acessível desde a educação infantil, contemplando estratégias que respeitem as características específicas das crianças AH/SD. Esse atendimento inclui a organização de grupos de enriquecimento curricular, orientação e suporte pedagógico individualizado, e encaminhamento para avaliações multidisciplinares quando necessário (BRASIL, 2008).

O AEE deve favorecer o desenvolvimento das potencialidades, promover a autoestima e prevenir dificuldades socioemocionais, garantindo que a criança não seja apenas acelerada academicamente, mas que seu processo de aprendizagem seja integral e significativo.

Práticas lúdicas e espaço para o protagonismo infantil

Finalmente, o brincar deve ser entendido como uma linguagem fundamental da infância, capaz de revelar potencialidades intelectuais, sociais e afetivas. Jogos simbólicos, dramatizações, atividades de construção e explorações sensoriais são instrumentos valiosos para o desenvolvimento de criatividade, resolução de problemas e habilidades sociais (PÉREZ, 2014).

Garantir espaços para que a criança exerça o protagonismo – seja na escolha de atividades, na formulação de perguntas ou no desenvolvimento de projetos – fortalece sua autonomia, confança e motivação, aspectos centrais para o florescimento das altas habilidades.

6. Considerações Finais

A identificação precoce de altas habilidades/superdotação (AH/SD) na educação infantil é um tema de grande relevância que requer atenção integral e multidisciplinar, dada a complexidade e diversidade das manifestações do potencial infantil. A partir da análise dos desafios e possibilidades que envolvem esse processo, ficou evidente que reconhecer precocemente as AH/SD é fundamental não apenas para o desenvolvimento intelectual das crianças, mas também para

seu bem-estar emocional, social e para a construção de uma trajetória escolar positiva e motivadora.

Ao longo do artigo, foi possível observar que a superação das barreiras impostas pela falta de formação docente, pelos estereótipos associados à superdotação e pela carência de instrumentos diagnósticos adequados é imprescindível para garantir um atendimento mais justo e inclusivo. A sensibilização dos educadores, a capacitação continuada e a valorização das diversas formas de expressão do talento são fatores que, se incorporados às práticas pedagógicas, promovem o reconhecimento efetivo das habilidades e proporcionam intervenções mais adequadas e contextualizadas.

A articulação entre escola, família e profissionais de áreas afins, como psicologia e pedagogia, mostra-se essencial para a construção de um diagnóstico rico e abrangente, possibilitando um acompanhamento que considere as especificidades individuais da criança. A avaliação multidisciplinar, ao conjugar diferentes olhares e instrumentos, supera a limitação dos testes convencionais e assegura maior precisão na identificação.

As possibilidades de atendimento apresentadas indicam que a flexibilização curricular, a adoção de metodologias ativas, o uso do portfólio pedagógico e o protagonismo infantil são estratégias que promovem a aprendizagem significativa e estimulam a criatividade e a autonomia. A incorporação do Atendimento Educacional Especializado (AEE) desde a educação infantil, conforme orientações legais, deve ser ampliada e estruturada, garantindo recursos humanos e materiais que atendam às demandas específicas desse grupo.

Mais que uma questão pedagógica, o tema das AH/SD na infância é uma pauta social que dialoga diretamente com o direito à educação de qualidade para todos, conforme preconiza a legislação brasileira. A inclusão real de crianças com altas habilidades implica o reconhecimento da diversidade como riqueza e a construção de ambientes educativos que respeitem as particularidades, promovendo a equidade.

Para além das práticas atuais, é necessário fomentar pesquisas que aprofundem o conhecimento sobre as múltiplas manifestações das altas habilidades na primeira infância, considerando fatores culturais, socioeconômicos e regionais. Da mesma forma, políticas públicas devem ser continuamente aprimoradas para assegurar não apenas a identificação, mas também o acompanhamento e o desenvolvimento pleno dessas crianças.

Em síntese, investir na identificação precoce e no atendimento qualificado das altas habilidades na educação infantil é investir no futuro, ao potencializar talentos que, quando devidamente reconhecidos e estimulados, poderão contribuir de maneira inovadora e significativa para a sociedade. O compromisso com a formação de profissionais, a sensibilização das famílias e a criação de ambientes educacionais inclusivos são passos imprescindíveis para transformar essa realidade.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice M. L. S. Criatividade e altas habilidades/superdotação: uma abordagem cognitiva e educacional. Petrópolis: Vozes, 2001.

ALENCAR, Eunice M. L. S.; FLEITH, Denise de Souza. Superdotados: determinantes, educação e ajustamento. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 04 jun. 2025.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

PÉREZ, Telma. Altas habilidades/superdo-

tação: perspectivas para a identificação na educação infantil. Curitiba: Appris, 2014.
RENZULLI, Joseph S. The three-ring conception of giftedness: a developmental model for promoting creative productivity. In: STERNBERG, R. J. (org.). Conceptions of giftedness. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 246–279.
VIRGOLIM, Andrea M. R. Altas habilidades/superdotação: identificação e atendimento na perspectiva da educação inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2007.